

PMS	FMLF	MIN
BIBLIOTECA		
Jornal	A Tarde	
Data	15/06/04	
Caderno	Local	Página 7
Seção		
Assunto: História Monumento - Riachuelo		



Inaugurada em 1874, peça nunca tinha sido restaurada

Marco da celebração é 11 de junho

Apesar de as comemorações públicas, em homenagem à Batalha Naval do Riachuelo, terem ocorrido ontem em Salvador, o marco para a celebração é 11 de junho, quando, em 1865, Almirante Barroso, no comando das forças navais, encontrou a esquadra paraguaia nas margens esquerdas do Rio Paraná, na altura da foz do Riachuelo.

Conforme pontuou o almirante Armando da Senna Bittencourt, do departamento de História e Cultura da Marinha, o confronto ocorreu antes da assinatura do Tratado da Tríplice Aliança entre Brasil, Argentina e Uruguai. O então chefe-de-divisão, Francisco Manoel Barroso da Silva, que assumiu a chefia do Estado-Maior das Forças Navais, percebeu a aproximação do inimigo.

Chegaram para o combate oito vapores paraguaios, entre

eles o Marquês de Olinda, rebocando mais seis chatas armadas com baterias. Segundo Bittencourt, a escolha daquele trecho do Rio Paraná fora uma verdadeira inspiração estratégica dos paraguaios, pois o canal tortuoso em que os navios brasileiros tinham de manobrar era tão estreito que os obrigava a manobrar rente à margem, na linha de mira dos seus canhões.

Barroso, habituado a ver nos oceanos o efeito dos abalroamentos acidentais entre navios, resolveu incidir sobre os navios paraguaios com a sua Fragata Amazonas, aniquilando metade dos navios paraguaios. O inimigo partiu em retirada; a batalha não durou nem um dia e trouxe uma vitória marcante para o Brasil e para as forças da Tríplice Aliança.

Com o bloqueio no trecho, as comunicações fluviais dos paraguaios são cortadas, res-

tringindo fortemente o suprimento logístico das suas tropas, sendo uma vitória estratégica marcante na Guerra do Paraguai. O Brasil também recupera, a partir daí, territórios perdidos.

MONUMENTO – O artista plástico baiano que assina o desenho do monumento em homenagem à batalha, João Francisco Lopes Rodrigues, deu para cada junção de figuras representadas na obra um significado especial. A escultura, cujo primeiro modelo foi fundido na França, possui a imagem de um anjo em seu topo com uma das mãos estendidas para cima.

Segundo explicou Ana Maria Vilar, coordenadora da restauração, o anjo da vitória é uma alusão às figuras de mulheres que eram colocadas nas proas dos navios para afastar os maus espíritos. A pluma significa

martírio e a coroa de flores, a eternidade. Os brasões (um colocado do lado do mar e outro na direção da cidade) representam as armas do Império de D. Pedro II. A pomba com ramo de oliveira no bico é o símbolo da Cidade do Salvador.

De acordo com Ana Maria, cada material que compõe a obra (bronze, pedra de líoz e ferro) recebeu uma técnica de restauração diferente, com o cuidado de respeitar a sua idade, de 130 anos, buscando “preservar a parte natural do tempo”. Foram feitas, por exemplo, próteses na pedra de líoz que compõe o seu pedestal, para tapar rachaduras profundas que existiam.

Visivelmente, percebe-se que o monumento destaca-se entre as outras esculturas instaladas em praças públicas no Comércio. E não perde o retoque histórico de sua existência secular. (C.F.)